

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: Guarani RJ/Bracuí

Data: 17/04/94 Pg.: 25 1293

Demarcação leva paz à última reserva indígena do Estado

PAULO SÉRGIO MARQUEIRO

Em novembro do ano passado, 250 índios guaranis de Bracuí, em Angra dos Reis, no Sul do Estado, pegaram enxadas e picaretas e se prepararam para a guerra. Eles fizeram à força a demarcação da reserva, acirrando os ânimos de fazendeiros e posseiros da região. No dia 30 de março passado, uma portaria do ministro da Justiça, Maurício Corrêa, devolveu a calma à aldeia. A portaria, publicada no Diário Oficial da União do último dia 5, delimita uma área de 2.105 hectares e determina que a Fundação Nacional do Índio (Funai) faça a demarcação da terra. Na aldeia, erguida em meio a córregos de água cristalina e tufo de lírios do campo, os guaranis de Bracuí, que integram a última nação indígena do Estado, rezam para o deus Tupã. E sonham com um tempo de paz e de fartura numa terra sem mal.

Mas nem tudo são lírios para os índios da aldeia Sapucaí (palavra que significa socorro, em guarani), na região de Bracuí. A maior parte da reserva, cuja área corresponde a cerca de 2.500 campos de futebol, fica na encosta, exigindo dos guaranis técnicas especiais de cultivo. Acostumados à caça e à pesca, eles tentam se adaptar aos novos tempos. Se já não podem caçar e pescar como seus antepassados, o jeito é apelar para a tecnologia. Com a ajuda da Prefeitura de Angra, eles construíram sete tanques na reserva e povoaram

dois deles com carpas e tilápias. Enquanto não acontece o milagre da multiplicação dos peixes, os guaranis comem aipim, milho, banana e cana-de-açúcar que plantam na aldeia. A deficiência na alimentação, porém, tem provocado problemas, principalmente para as crianças.

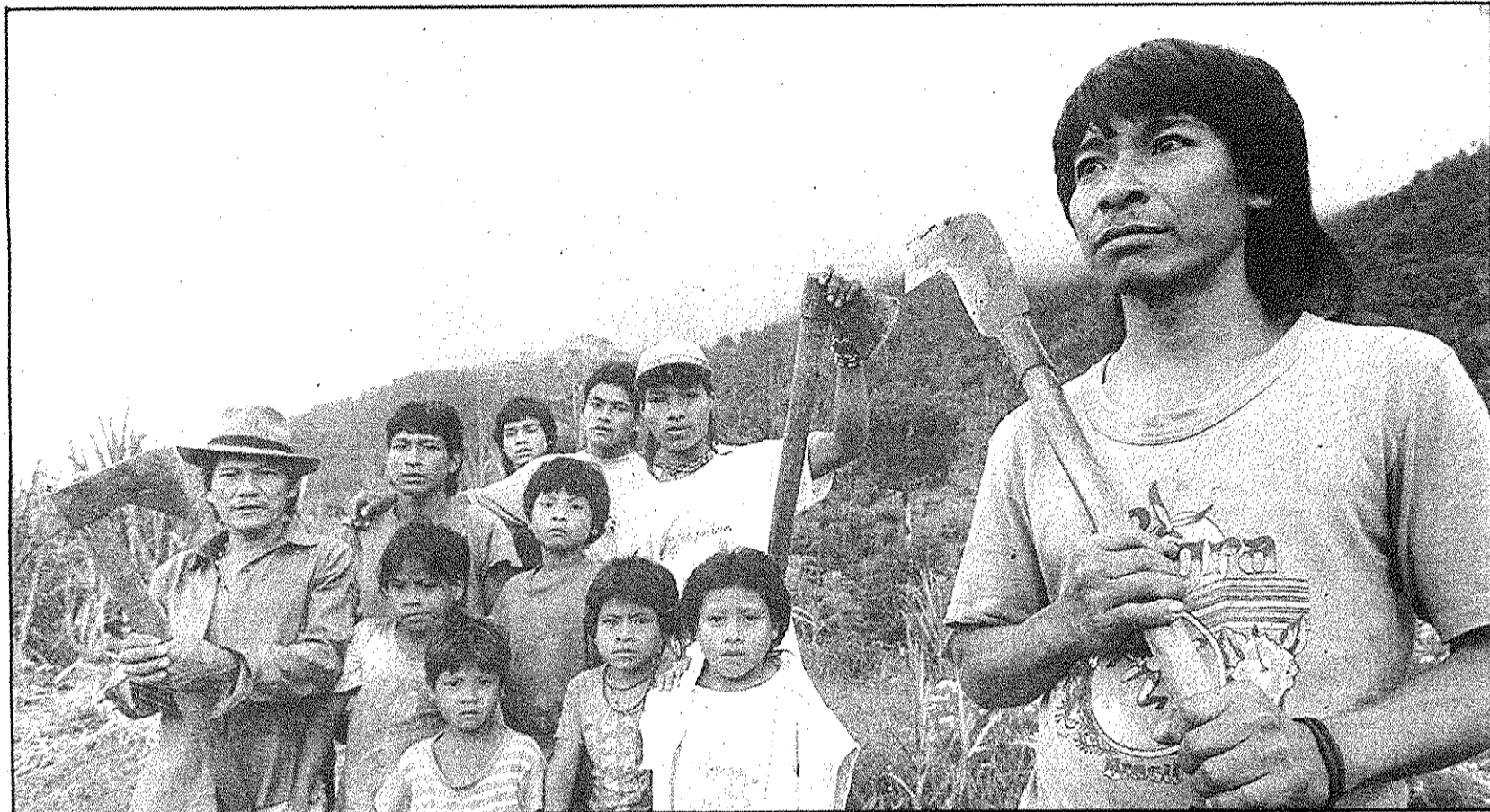
— Em algumas faixas etárias, a desnutrição chega a 70 por cento — afirma a antropóloga Cibele Verani, do Núcleo de Estudos em Saúde de Populações Indígenas (Nespi), órgão da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Na semana passada, quatro crianças estavam internadas num hospital de Angra com pneumonia, doença que já matou quatro pessoas na aldeia.

O hospital, no entanto, costuma ser a última opção para os índios de Bracuí. Quando alguém adoecer, o tratamento é feito com chás, ervas e rezas.

— Geralmente as pessoas são curadas na aldeia — diz Algemiro da Silva Poty, filho do cacique João da Silva Vera-Mirim.

De acordo com a antropóloga Maria Inês Ladeira, da Organização Não-Governamental Centro de Trabalho Indígena (CTI), os índios de Bracuí preservam traços importantes de sua cultura, como a língua e a religião. Na aldeia, eles praticamente só falam guarani. E as rezas ainda são vistas como a saída para quase todos os males do grupo. Ainda segundo a antropóloga, os guaranis são muito religiosos e acreditam na existência de uma terra sem mal. Uma terra que eles procuram há séculos.



Filho do cacique da aldeia, Algemiro da Silva Poty (o primeiro à direita) diz que quando os índios adoecem, geralmente são curados na própria aldeia

Traço característico do povo é a migração

Monique Cabral

Um povo nômade. Os guaranis que vivem em Bracuí chegaram ao local em 1986, vindos do Paraná e de Santa Catarina. A aldeia, distante cerca de 30 quilômetros do centro de Angra, era ocupada por um outro grupo de guaranis que se mudou para São Paulo. De acordo com antropólogos, a migração é um traço importante da cultura guarani.

A Sapucaí é a maior das três aldeias guaranis no Estado do Rio. As outras duas são a Araponga e a Parati-Mirim, em Parati, no Sul Fluminense que, segundo a antropóloga Maria Inês Ladeira, do Centro de Trabalho Indígena (CTI), também estão para ser delimitadas.

Erguida no sopé da Serra da Bocaina, a Aldeia de Sapucaí reúne 45 famílias de guaranis que moram em casas de madeira cobertas com palha. As casas não têm divisórias e às vezes abrigam mais de uma família. Numa das casas, Vicenta Ortega se aquece junto a uma fogueira. Perto dela, um pouco de gordura de gambá, usado, segundo os índios, para tratar o reumatismo. Vicenta, que ainda trabalha na roça, tem o rosto devastado pelo tempo. Quando se pergunta a idade da índia, o neto Algemiro da Silva, filho do cacique da aldeia, faz uma pausa e responde: — Ela deve ter uns cem ou 120 anos.



Junto às filhas, índia guarani amamenta seu bebê em frente à oca onde mora

Numa outra casa, a índia Ilda da Silva, mãe de sete filhos, tem as mãos púrpuras. Da cor das fibras com que são confeccionados cestos, leques e outros apetrechos vendidos pelos índios às margens da Rodovia Rio-Santos. As filhas pequenas de Ilda também ajudam a trabalhar as fibras. O artesanato é hoje a principal atividade da aldeia.

Quase todos os índios sabem fazer artesanato. E com o dinheiro da venda das peças que eles

compram produtos que não têm na aldeia, como óleo e sabão. As roupas, quase sempre doadas, são lavadas num dos córregos que cortam a reserva.

A maior parte dos índios de Bracuí trabalha na própria aldeia. Algemiro da Silva, professor de guarani, conta que não gostaria de ir para outro lugar.

— Os brancos querem que a gente trabalhe todos os dias. Mas como deixar a mulher e os filhos sozinhos todos os dias?

Sonho de Renata é ter TV para ver Xuxa

Os sonhos da índia Renata da Silva Kerexu, de 12 anos, têm os limites da Aldeia Sapucaí, na reserva de Bracuí, em Angra dos Reis. Quando alguém pergunta a Renata se gostaria de deixar a aldeia, a resposta é rápida e precisa:

— Não.

Criada na reserva, onde se acostumou a tirar banana do pé e a tomar banho de cachoeira com as outras crianças guaranis, Renata diz que não tem medo de nada e conta que quando crescer pretende vender artesanato.

A índia, que se diverte tomando banho nos lagos construídos para criação de peixes, tem, porém, o seu sonho de consumo. Quando perguntam o que gostaria de fazer se ganhasse muito dinheiro, ela diz que queria comprar uma TV para assistir aos programas de Xuxa.

A aldeia não tem energia elétrica, mas conta com quatro TVs portáteis, todas alimentadas por bateria. De vez em quando, Renata consegue chegar perto de uma delas para assistir ao seu programa favorito. Enquanto o sonho de consumo não se concretiza, Renata, que atingirá a maioridade no ano 2000, faz outros planos para o futuro:

— Quero ter três ou quatro filhos, plantar, fazer artesanato.



Índiozinho guarani: sonho com um tempo de paz e fartura numa terra sem mal